



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13810 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

SUBVERTENDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES POR UMA EDUCAÇÃO CRIANCISTA: RPG GIRASSÓIS

Núbia Cristina Sulz Lyra Correa - UNIFESP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Ellen de Lima Souza - UNIFESP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

SUBVERTENDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES POR UMA EDUCAÇÃO CRIANCISTA: RPG GIRASSÓIS

Resumo: O presente relato tem por objetivo apresentar os resultados da aplicação do RPG Girassóis em um CEI da cidade de São Paulo – SP, durante a formação de professores, visando atender a demanda da ampliação dos conhecimentos acerca dos conceitos de gênero e raça. A aplicação do RPG se organizou em três fases, sendo que participaram professores, gestores, técnicos, funcionários de todos os setores, familiares e as crianças, acreditando que a formação deve fornecer ferramentas que ocasionem em mais complementariedade e menos conflito, partindo do conceito que o racismo também reside no adultocentrismo, subverte-se a lógica colonial por intermédio da lógica exúlica visando a construção de uma educação que culmine em um projeto de nação construído com e para as crianças.

Palavras-chave: RPG Girassóis, lógica exúlica, criança, infância, educação infantil

No ano de 2021, em meio ao desgoverno, um Centro de Educação Infantil localizado

na cidade de São Paulo – SP, foi acusado de trabalhar com ideologia de gênero e outras questões no que tange ao gênero e raça, gerando atrito com a comunidade. Alguns pais enredados pelas fake News de kits gays e outras questões similares, não queriam que a educação sexual e discussão de igualdade de gênero fosse tratada no território. Dessa maneira, fomos convidados a participar das formações, conduzindo algumas delas no que tange aos assuntos supramencionados.

Assim, apresentamos o RPG Girassóis, em um plano de aplicação que implicaria em dois encontros, com um time menor, e depois a coleta e análise de dados, para aperfeiçoamento do debate e reaplicação em outro grupo, até o atendimento de toda a comunidade do CEI. O grupo de trabalho consistia em funcionários, corpo gestor e professores, juntamente com os familiares e as crianças matriculadas no CEI. As crianças e familiares/responsáveis eram essenciais para a formação, afinal acreditamos em uma formação que envolva toda a comunidade, buscando mais complementariedade e menos conflito.

O RPG Girassóis é um jogo de tabuleiro que possibilita aos jogadores uma experiência de performatividade de educadoras negras, em uma luta que simula o enredo da vida real, com uma luta contra os sistemas opressores. As educadoras negras são de diversas faixas etárias, cisgênero e transgênero, de sexualidades diversas, diferentes locais de atuação, diferentes origens e confissões religiosas. Suas armas contra o sistema opressor são conceitos teóricos e/ou práticos de sua autoria, grandes ações, ou projetos de vida, ou seja, sua produção efetiva é usada como arma contracolônial, visando assim, não só permitir que os jogadores conheçam e performem as personagens, mas suas obras e o poder de suas produções como ferramentas antipatriarcais.

[...] a confecção do tabuleiro, levou em consideração o formato oval, para sua disposição, sendo que o mesmo se justifica por três princípios: a associação do ovo à fertilidade feminina; sua ligação com Oxum; e, a física do formato que, na vertical, possui resistência aos possíveis impactos que protege o mesmo da quebra, sendo então esta analogia utilizada para distribuição das acadêmicas no tabuleiro. Outro detalhe importante no mesmo é que a borda simula um espelho, outra referência à Oxum” (SOUZA, CORREA, 2020).

Se inspira na lógica exúlica descrita por Souza (2016) e flui por intermédio dela, tornando as opressões e seus sistemas tangíveis enquanto evidencia que as teorias elaboradas por educadoras negras podem nos instrumentar para entender e até mesmo enfrentar tais estigmas. O nome girassóis, além de uma homenagem à Oxum, é também uma referência

simbólica ao conceito de *Ubuntu*, considerando que a “flor” em questão é uma inflorescência capitular, ou seja, cada pétala é uma flor, com função de atratividade e, no meio, há flores com o fator reprodutivo, sendo que cada flor/capítulo, é uma comunidade, onde cada qual tem sua função para que a “comunidade” prospere. Todas as flores giram em torno de um objetivo maior, o sol, no caráter heliotrópico. De modo semelhante, a luz que o jogo de RPG girassóis busca mirar é a justiça curricular, cognitiva e social.

Como salientam as pesquisas de Fabiana Oliveira (2004) e de Flávio Santiago (2019), o racismo pode ser percebido ainda durante a creche, primeira etapa da educação infantil, tão importante quanto qualquer outra, porém, ainda mais subvalorizada pela sociedade e pelos governos. Entendendo a intersecção de gênero e raça como encruzilhada e, no hoje, a oportunidade para construirmos um novo ontem, inspirados por Exu, que atirou a pedra ontem para matar um pássaro hoje.

Perpassa assim o RPG como uma possibilidade da discussão das relações de gênero, bem como proporciona entre aquelas que se identificam com o gênero feminino, a vivenciar outras mulheres em diferentes contextos sociais, etários, religiosos, entre sexualidades outras ou ainda fora do eixo cis normativo. Assim como convida aqueles que se identificam com o gênero masculino a performar o universo da mulher em suas várias formas, também convida as várias possibilidades de gênero a vivenciar esses lugares de corpo-território político.

A dinâmica do jogo, assim como toda a questão que o torna uma experiência de vivenciar aspectos reais da vida das personagens elencadas, se baseia no conteúdo constante nas cartas de ônus e bônus. Quando analisamos o conteúdo dessas cartas das educadoras encontramos discussões como sororidade, padrão de beleza, culpa cristã entre outros baseados nos conceitos das personagens e nas vivências das mulheres na sociedade brasileira. Já nas cartas do sistema opressor encontramos assuntos como a fachada falsa, fake news, lei maria da penha, liberdade sexual feminina e outras frases emblemáticas do dia a dia como “passar pano para macho” e “é só um menino”. De maneira que as discussões dos assuntos acadêmicos são associadas às situações do cotidiano, gerando uma discussão de como a academia pode auxiliar, fora dos muros das instituições, a alcançar as margens e os sujeitos marginalizados.

Cabe também ressaltar o que nos silencia, além do sexismo e do racismo, em outra intersecção: o adultocentrismo. Para Souza e Carvalho (2021) não há racismo sem machismo e tão pouco há racismo sem adultocentrismo. Assim, ao entendermos que apesar das identidades e especificidades de cada diferença, não somos livres enquanto qualquer outro não o for também, como ecoado por Ângela Davis, em referência à famosa frase Audre Lorde “Eu

não sou livre enquanto qualquer mulher for cativa. Mesmo se as correntes dela forem muito diferentes das minhas”, em “The Uses of Anger: Women Responding to Racism” discurso proferido em junho de 1981 na Conferência da “National Women’s Studies Association”. Ou ainda na reflexão feita Adichie: “Imagine como seríamos mais felizes, o quão livres seríamos para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero” (2018, p. 36).

Refletindo ainda sobre as múltiplas possibilidades da aplicação do RPG Girassóis, torna-se necessário entender que o processo de desenvolvimento e aplicação se fundamentam nos paradigmas da afrocentricidade descritos por Mazama (2009) como: a) centralidade na comunidade; b) respeito à tradição; c) alto nível de espiritualidade; d) envolvimento ético; e) harmonia com a natureza; f) natureza social da identidade sexual; g) veneração dos ancestrais; e, h) unidade do ser; de modo a culminar em mais complementariedade e menos conflito. Baseando-se ainda nos estudos de Karenga (2000) e Asante (2003) não separando a teoria da realidade objetiva e tornando-os aportes para corrigir equívocos e distorções que ao longo da história converteram diferenças em desigualdades.

Logo, o RPG Girassóis se inspira na lógica exúlica a qual também é sua metodologia de aplicação, se ancorando também nos fundamentos centrais e nos princípios orientadores que são: a Consciência Política e Histórica da Diversidade e o Fortalecimento de Identidades e de Direitos e Ações Educativas de combate ao Racismo e a Discriminações (Lei 10.639/2003 - altera a LDB 9394/1996 por meio do que estabelece o parecer CNE/CP/03/2004 e acrescentando nas DCN disposições para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana). Bem como também nos princípios éticos, políticos e estéticos constantes na mesma legislação.

Dessa forma, os participantes da pesquisa não são objetos, mas parceiros que constroem a pesquisa em conjunto com o pesquisador, de modo que o projeto é fruto da comunidade, para o benefício da comunidade; considerando ainda que, neste processo, o pesquisador deve tornar seu conteúdo inteligível e acessível, entrando na lógica daquele que não tem o mesmo percurso de construção social, acadêmica etc., de maneira que ele/ela deve se colocar para a experiência e proporcioná-la em conjunto com a comunidade e para a comunidade. Com efeito, a lógica exúlica descrita por SOUZA (2016) se põe como a metodologia de aplicação ideal para o desenvolvimento e propósitos de subversão e dissidência do RPG Girassóis.

Assim, durante a aplicação o envolvimento dos participantes começou de maneira tímida, muitos nunca haviam entrado em contato com um RPG, para tanto fora organizado o

primeiro encontro, onde explicamos os elementos do jogo e a metodologia para os funcionários, gestores e professores da escola, para que eles pudessem auxiliar as crianças e familiares na aplicação no dia seguinte.

No dia da aplicação, o corpo escolar ainda receoso se as crianças conseguiriam entender a dinâmica do jogo que parecia complexo, foi dando espaço a alegria que elas transpareciam no sorriso, ao entrar em contato com os dados e cartas e entender as personagens. A performance do “vilão” encarada por uma das crianças, acompanhada de sua equipe com um representante da escola e um familiar, arrancava sorrisos de todos, bem como sua habilidade em entender os dados, contar os danos e sorrir ao ponto de gargalhar.

A desigualdade social entre homens e mulheres, foi uma questão levantada e percebida por uma mãe que estava na ocasião que, ao final da experiência, se questionava como explicaria para os seus gêmeos que o menino teria mais vantagens na sociedade do que a menina, ainda que os dois estivessem frequentando a mesma escola, com as mesmas oportunidades e formação. Outras questões foram levantadas, o que abriu para um diálogo que não seria possível sem a experiência imersiva que o RPG proporciona.

A proposta consistia em permitir o diálogo entre os participantes, apresentar as personagens e suas teorias e mostrar possibilidades e caminhos para indagar. Os dados coletados a posteriori mostram que a discussão dos assuntos ficou mais dinâmica, a família e as crianças passaram a levar as formações para fora das paredes escolares, melhorando como as relações entre a comunidade e a escola se davam dentro e fora do território escolar. A relação equânime, onde entendemos que todos podemos contribuir para a construção do saber e que a coletividade da comunidade culmina em mais complementariedade e menos conflito, dão esperança em um projeto de nação construído com as crianças e para elas.

Estabelecer alianças com quem amamos é simples e intuitivo. Mas, o sistema opressor exige mais de nós: derrotar o racismo, o sexismo, o patriarcado, o capitalismo e qualquer outra opressão; exige que nos façamos comunidade; afinal, não amamos todos a nossa volta, ainda que para a vivência em sociedade tenhamos de renunciar a nossos desejos e afetos primários para construir alianças sociais. Se alimentarmos nossas paixões e nossos compromissos com o desejo de justiça social, cognitiva e curricular, ainda que sob a ótica da guerra cultura, com suas rupturas e seus conflitos, a pluralidade de narrativas nos conduzirá para um projeto de nação mais justo e equânime, do qual o RPG Girassóis se propõe a se servir de instrumento para corrigir equívocos e distorções, enquanto destrincha a realidade para entendermos quem somos.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Editora Companhia das letras, 1ª edição; 10ª reimpressão. 2018.
- ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricity: the theory of social change*. Bufalo, NY: Amulefi Press, 1980. Terceira edição revista Chicago: African American Images, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, 2004
- CARVALHO, Alexandre Filordi de; SOUZA, Ellen de Lima. O erê eo devir-criança negro: outros possíveis em tempos necropolíticos. *Childhood & Philosophy*, 2021, 17.
- COLLINS, Patrícia Hill. *Epistemologia Feminista Negra*. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- KARENKA, Maulana. *Black studies: a critical assessment*. In: Manning, M. *Dispatches from the ebony tower: intellectuals confront the African American experience*. Nova York: Columbia University Press, 2000, p. 162-70.
- LORDE, Audre. *The Uses of Anger: Women responding to Racism*. In: *Keynote presentation at the National Women's Studies Association Conference, Storrs, Connecticut*. 1981.
- MAZAMA, Ama. *A afrocentricidade como um novo paradigma*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- OLIVEIRA, F. D. (2004). *Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial? Tese apresentada à UFSCAR*.
- QUIJANO, A. 2010. *Colonialidade do poder e classificação social*. In: B.S. Santos e M. Meneses (eds.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- SANTIAGO, F. (2019). *Eu quero ser o sol!:(re) interpretações das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre crianças de 0 à 3 anos em creche*.

SOUZA, Ellen Gonzaga de Lima. Experiências de Infâncias com produções de culturas no Ilê Axé Omo Oxé Ibá Latam. 2016. 182 fls. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos –SP, 2016.

SOUZA, Ellen Lima; CORREA, Núbia Cristina Sulz Lyra. RPG GIRASSÓIS: EPISTEMOLOGIAS ACADÊMICAS NEGRAS PARA OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 33, p. 44-65, ago. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1002>>.